

O IMPERATIVO NA LÍNGUA FALADA CULTA E POPULAR DOS SOTEROPOLITANOS

Jeferson da Silva Alves¹
Aiala Paloma Oliveira Alves²

RESUMO: *O presente trabalho tem como principal objetivo observar as diversas possibilidades relacionadas ao imperativo singular, manifesta nas formas associadas às formas do indicativo e do subjuntivo, na língua falada em Salvador, em contextos sociais distintos, usando-se, para isso, os corpora do Programa de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta, NURC Salvador e do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP. Para tanto, tomando-se como base para a análise a Teoria da Variação Laboviana, faz-se o levantamento dos contextos lingüísticos em que ocorre a variação, relacionando-os às variáveis extralingüísticas: nível de escolaridade, faixa etária e gênero.*

Palavras-chave: Expressão variável do imperativo; Língua falada; Variáveis extralingüísticas.

1. INTRODUÇÃO: NORMA E USO DO IMPERATIVO

O imperativo é aquele modo menor que os outros, que a gente aprende na escola e acha que nunca usa (...). Aliás, ele só é menor à primeira vista, porque é preciso aprender que as formas negativas são diferentes das afirmativas (...). E, além disso, existem outras formas, tiradas do presente do subjuntivo, que se usam para a primeira pessoa do plural (...) e para os pronomes chamados “de tratamento”. No final, acaba sendo o modo mais complicado do paradigma verbal. (PERINI, p. 58)

A tradição gramatical (Cf. Bechara, 2001; Cunha & Cintra 2001) registra que o imperativo singular é formado a partir de dois modos verbais, o presente do indicativo para o pronome *tu* extraíndo o –s final – cantes (canta) e que para o pronome *você* devemos recorrer ao presente subjuntivo assim como ele o é – cante (cante). Prescreve ainda a tradição que para o imperativo na polaridade negativa devemos recorrer ao modo subjuntivo acrescentando a partícula negativa – não cantes (tu) e não cante (você). Contudo, segundo Elia (*apud* Scherre 2004, p. 1), “a história registra que o latim clássico apresentava imperativo morfológico para enunciados diretivos afirmativos nas segundas pessoas do singular [tu] e do plural [vós], distinto da morfologia do modo indicativo”. E, já lançava mão das formas do subjuntivo para expressar os enunciados diretivos na polaridade negativa.

No transcurso da história, houve uma confluência na fala entre as formas de terceira pessoa do modo indicativo e as formas do modo imperativo, que perdeu o –t final – cantat

¹ Pós-graduando em Gramática e Texto/Universidade Salvador (UNIFACS); Graduado em Letras com Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas/Faculdades Jorge Amado (FJA); ex-monitor do suporte de língua espanhola (FJA). E-mail: jefersonsalves@gmail.com – Autor.

² Graduanda em Língua e Literatura Espanhola/Faculdades Jorge Amado (FJA); Graduada em Letras com Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas/Faculdades Jorge Amado (FJA). E-mail: aialapaloma@hotmail.com – Co-Autora.

(canta), portanto trata-se de uma questão morfológico-fonológica, na qual houve a influência da fala para escrita.

Nos dias atuais, como as duas formas são registradas pelas gramáticas e aceitas pelos falantes, não há estigma com nenhuma das duas variantes estratificadas – indicativo/subjuntivo. Segundo estudos descritivos feitos por lingüistas de todo Brasil, percebemos que há um recorte geográfico (Cf. Scherre, 2005; Sampaio, 2002) relacionado à variação no que se refere ao modo imperativo.

2. METODOLOGIA

Para investigação lingüística desta pesquisa, foi adotada a metodologia Sociolingüística Variacionista, com objetivo de realizar a análise quantitativa das variáveis envolvidas no uso do imperativo, na forma do subjuntivo e do indicativo, reveladas na língua falada *culta* e *popular* em Salvador.

2.1. Os corpora

Com a finalidade de observar e constatar o uso das variáveis na língua falada *culta* descritas neste trabalho, optou-se por usar o acervo sonoro do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta, NURC Salvador, e na língua falada *popular* o Programa de Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP, ambas as amostras constituídas na década de 90.

O NURC, que busca o estudo do português falado por pessoas com formação universitária, trata-se de um projeto de documentação e pesquisa que começou a ser executado no final da década de 1960, em cinco cidades: Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, utilizando como instrumento para coleta de dados a gravação em fita magnética da língua falada pelos brasileiros cultos das cinco cidades. Posteriormente, com base no desempenho lingüístico dos falantes, é feita a transcrição grafemática desses dados, chamados de *Inquéritos*, que são apresentados em três tipos de estilo: o diálogo entre o informante e o documentador (DID), estilo de fala semi-informal, o diálogo entre dois informantes (D2), estilo de fala informal, e a elocução formal (EF), estilo de fala formal.

Segundo Bagno (2004), os objetivos do projeto NURC, definidos no documento da VI Reunião Nacional, em Porto Alegre, em 1973, eram (e são) os seguintes:

1. Dispor de material sistematicamente levantado que possibilite o estudo da modalidade oral culta da língua portuguesa em seus aspectos fonético, fonológico, morfossintático, sintático, lexical e estilístico;
2. Ajustar o ensino da língua portuguesa, em todos os seus graus, a uma realidade lingüística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças lingüísticas e culturais do país;
3. Superar o empirismo na aprendizagem e ensino da língua-padrão pelo estabelecimento de uma norma culta real;

4. Basear o ensino em princípios metodológicos apoiados em dados lingüísticos cientificamente estabelecidos;
5. Conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, a fim de não sobrecarregar o ensino com fatos lingüísticos inoperantes;
6. Corrigir distorções do esquema tradicional da educação, entravado por uma orientação acadêmica e beletrista.

Nesse sentido, o NURC, devido ao cuidado preciso nas investigações das análises lingüísticas supracitadas, tem sido amplamente utilizado em diversas dissertações de mestrado, teses de doutorado e outros trabalhos.

Para a observação do comportamento dos falantes com escolaridade primária e média no uso do imperativo, em Salvador, foram utilizados doze inquiridos do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP, amostra constituída na década de 90, que, diferentemente do NURC, fornece em material recente, dados sobre o português falado pelos não-universitários.

O PEPP foi constituído pelas professoras Norma da Silva Lopes, Constância Maria Borges de Souza e Emília Helena Portella Monteiro de Souza, entre os anos de 1998 e 2000, sob a orientação da professora Myrian Barbosa da Silva, no momento em que se percebeu uma lacuna muito grande quanto à possibilidade de uma amostra com outros níveis de escolaridade. Desse modo, o PEPP tem como níveis de escolaridade a Primária (1 a 4 anos de estudo) e a Média (11 anos de estudo), por isso *o termo popular*, uma vez que se reporta à massa popular, representada por um grande contingente da população.

É importante salientar que na análise dos *corpora*, NURC e PEPP, os informantes selecionados obedecem a três faixas etárias, a saber: Faixa 1 (F1), com informantes entre 25 a 35 anos, como os mais jovens, Faixa 2 (F2), com informantes entre 36 a 55 anos, faixa intermediária, e Faixa 3 (F3), cujos informantes têm mais de 55 anos, como mais velhos. Em cada um dos grupos (primário, médio e superior) há informantes dos dois sexos, distribuídos igualmente. Além da idade e do sexo, o aspecto que os distingue refere-se ao nível de escolaridade.

2.2 População e amostra

Os dezoito inquiridos do tipo diálogo entre o informante e o documentador (DID) analisados na presente investigação lingüística, foram tomados em número de seis do NURC, de escolaridade com formação universitária, doze do PEPP, distribuídos em seis de escolaridade primária e seis de escolaridade média, os quais foram realizados na década de 90.

A amostra dos *corpora* está constituída de conversas em situações semi-informais, em que se deixa o informante falar à vontade sobre um tema (educação, infância, profissão, vida social, etc.), e o entrevistador só intervém quando julga necessário, para estimular o entrevistado a falar por meio de perguntas curtas ou mudanças de assunto.

Os informantes entrevistados, por sua vez, compõem-se de nove homens e nove mulheres, o que favorece o equilíbrio entre os gêneros, distribuídos em três homens e três mulheres para cada escolaridade, e três faixas etárias. Atribui-se de suma importância a esses informantes, o fato de preencherem os requisitos de serem nascidos na cidade objeto de estudo, ou seja, serem naturais de Salvador, nela terem residido desde os cinco anos de idade; terem

passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferentemente nascidos na cidade em exame.

Outras informações sobre os informantes e os inquiridos utilizados na década de 90 encontram-se descritas abaixo nas Tabelas 1, 2 e 3:

Tabela 1: Amostra PEPP Salvador – Escolaridade Primária – Década de 90

DATA DE GRAVAÇÃO	DID	INFORMANTE/ GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	IDADE	ÁREA SEMÂNTICA	FORMAÇÃO/ PROFISSÃO
19.07.1999	09	Homem	F1	27 anos	Família, infância	Vendedor
06.10.1998	19	Mulher	F1	29anos	Família, infância, educação	Vendedora
17.06.2000	37	Homem	F2	51 anos	Família, infância	Comerciante, porteiro, servente
08.01.1999	46	Mulher	F2	54 anos	Família, Infância, orientação sexual	Copeira
09.09.1998	06	Homem	F3	75 anos	Família, infância	Balconista, vendedor
26.04.1998	01	Mulher	F3	75 anos	Infância, profissão	Escrevente de cartório aposentada

Tabela 2: Amostra PEPP Salvador – Escolaridade Média – Década de 90

DATA DE GRAVAÇÃO	DID	INFORMANTE/ GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	IDADE	ÁREA SEMÂNTICA	FORMAÇÃO/ PROFISSÃO
11.10.1999	13	Homem	F1	30 anos	Educação, infância, trabalho	Vigilante
02.10.1998	10	Mulher	F1	32 anos	Infância, Educação Religião	Não informado
16.10.1998	26	Homem	F2	47 anos	Infância, educação, Relacionamento familiar	Não informado
26.09.1998	07	Mulher	F2	53 anos	Educação, orientação familiar, vida social	Professora aposentada
17.02.2000	11	Homem	F3	75 anos	Infância, educação, religião, diversão	Contabilidade, Fiscal
14.11.1998	41	Mulher	F3	68 anos	Infância, educação, moda	Não informado

Tabela 3: Amostra NURC Salvador – Escolaridade Superior – Década de 90

DATA DE GRAVAÇÃO	DID	INFORMANTE/ GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	IDADE	ÁREA SEMÂNTICA	FORMAÇÃO/ PROFISSÃO
14. 10.1998	010/N	Homem	F1	35 anos	Infância, educação	Engenheiro, professor
25.08.1998	013/N	Mulher	F1	35 anos	Educação, vida social	Professora de Educação Física
19.10.1998	015/N	Homem	F2	45 anos	Infância, educação, relação familiar	Mestrado em Engenharia Elétrica, Professor
01.10.1998	012/N	Mulher	F2	47 anos	Educação	Não informado
19.06.1998	012/R	Homem	F3	75 anos	Terrenos	Professor, juiz, advogado
20.12/1999	013/R	Mulher	F3	75 anos	Cidade, comércio, vida social	Professora Universitária

3. AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E EXTRALINGÜÍSTICAS OBSERVADAS

Foram observadas as variáveis lingüísticas: expressão do imperativo singular em formas associadas ao indicativo ou formas associadas ao subjuntivo e as variáveis extralingüísticas: gênero – masculino, feminino (prestígio das variantes); faixa etária – Faixa 1 – F1- com informantes entre 25 a 35 anos; Faixa 2 – F2 com informantes entre 36 a 55 anos e Faixa 3 – F3 cujos informantes têm mais de 55 anos; escolaridade – primária, média e superior com objetivo de desempenhar a análise lingüística em *tempo aparente*.

4. OUTRAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS OBSERVADAS

Além das variáveis lingüísticas e extralingüísticas já analisadas, outros contextos lingüísticos são bastante relevantes para o entendimento do uso do imperativo na língua falada em Salvador, como: 1) identificação lexical do verbo *olhar*, o qual teve uma soma total de 54, sendo 25 na forma indicativa, do tipo (27) **Olha**, você tem que ir por isso (Inq. 37 l. 545 e 546), (28) **Olha** tenho muito que agradecer a Deus (Inq. 46 l. 82); e 29 na forma subjuntiva, do tipo (29) **Olhe**, seu filho está assim, assim (Inq. 09 l. 53), (30) **Olhe**, mamãe isto aqui está errado (Inq. 19 l. 379), revelando, portanto, uma alternância entre as duas formas; 2) identificação lexical do verbo *ver*, realizado como substituto do verbo *olhar*, prevalecendo a forma subjuntiva, no total de 10 ocorrências; do tipo (31) **Veja** bem (Inq. 26 l. 370 a 371), (32) Você **veja** aí (Inq. 11 l. 761 e 762); 3) identificação lexical do verbo *deixar*, somando o total de 9 ocorrências, sendo 3 na forma indicativa, do tipo (33) “Minha mãe **deixa** aí” (Inq. 46 l. 480 a 482) (34) “Não **deixa** aqui que é para lhe dar para o enxoval de seu casamento” (Inq. 37 l. 480 a 482); e 6 na forma subjuntiva, do tipo (35)...**deixe** eu ouvir o que é (Inq. 37 l. 461), (36) ...ela disse **deixe** de castigo por causa disso (Inq. 26 l. 257 a 259); 4) identificação lexical do verbo *vir*, com o total de 14 ocorrências, todas na forma subjuntiva, sendo que dessas, houve 5 ocorrências do tipo (37) **Venha cá** (Inq. 09 l. 378 e 379); e outras do tipo (38) Oh **venha**, ta fazendo o que na rua? (Inq.

09 l. 159); 5 identificação lexical do verbo *ir*, o qual foi proferido 6 vezes, somente uma na forma do indicativo do tipo (39) “...**vai** comprar o que está faltando” (Inq. 013/N l. 485) e 5 na forma do subjuntivo do tipo (40) “**Vá** ali na quitanda meu filho” (Inq. 013/N l. 485) (41) **Vá** porque vocês fizeram isso, revelando, portanto o uso quase categórico desta. 6) presença de uma estrutura com o clítico *me* antes do verbo, com a soma total de 4, revelando a preferência pela forma do subjuntivo do tipo (42) “Não **me fale** (Inq. 06 l. 528 e 529), (43) Não **me pergunte** nada que eu não sei nada (Inq. 01 l. 373), (44) Ainda hoje tava pedindo **me bote** como dependente (Inq. 41 l. 295 e 296), (45) “rapaz **me respeite**” (Inq. 015/N l. 294); 7) presença de uma estrutura com o clítico *se* antes do verbo, com apenas 1 ocorrência na forma subjuntiva, do tipo (46) “Olha vai ser assim, **se prepare**, a vida é assim...e tal” (Inq. 10 l. 141).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas no presente trabalho, constatou-se que o que é prescrito pela tradição gramatical e o uso da expressão variável do imperativo mostram-se distanciadas, uma vez que os registros da tradição gramatical não cobrem as diversas possibilidades de uso da expressão do imperativo, no português brasileiro, já que os dados encontrados revelam uma presença bastante significativa de enunciados imperativos expressos pela forma indicativa em contexto discursivo único e exclusivo do pronome *você*, onde a tradição gramatical prevê o uso do imperativo associado à forma do indicativo.

Alem disso, também foi visto que em enunciados de polaridade negativa, há uma inclinação maior para a variável associada ao subjuntivo. Foram encontrados enunciados associados ao indicativo em contexto explícito do pronome *você*, sem menção ao pronome *tu*, pois no falar soteropolitano este pronome não existe, já que os falantes o fazem com as formas do subjuntivo, quase que categoricamente.

Conclui-se que a variante manifesta pela forma do indicativo, tanto na polaridade afirmativa quanto na polaridade negativa para expressão variável do imperativo, portanto, faz parte da realidade lingüística dos falantes da cidade de Salvador, sendo empregado em maior percentual pelos falantes cultos, mostrando que a forma variável não é estigmatizada e que a escolarização não está atuando como fator que refreia a variação.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?:* um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo:* terceira edição revista. Nova apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SAMPAIO, Dilcéia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado. 2002 (inédito)

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Norma e uso – O imperativo no português brasileiro*. In: DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker. (orgs.). *O Português do Brasil-Perspectivas da Pesquisa atual*. (Lingüística luso-brasileira, Iberoamericana - Vervuert. 2004. p.231-260).

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos*. A sair em livro organizado por Sebastião Josué e Cláudia Roncarati. Livro em homenagem a Anthony Julius Naro, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios).